



CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO EM VALORES NA ESCOLA PÚBLICA

Ana Lise Costa de Oliveira¹
Mirela Figueredo Santos Iriart²

RESUMO: *Este artigo busca discutir as relações entre juventude, docência e escola pública, visando analisar o papel desta última, como instância formadora de valores humanos na juventude, bem como identificar as possíveis contribuições dos demais funcionários da escola, inclusive os professores. Resulta de uma pesquisa com enfoque qualitativo desenvolvida no biênio 2007/2008, tendo como principais instrumentos de coleta a observação participante e o grupo focal, numa escola de ensino fundamental no município de Riachão do Jacuípe/BA, com jovens entre 14 e 17 anos, professores e funcionários. Aborda a necessidade das escolas, reconhecerem-se como espaço sócio-cultural e de subjetividades, de vivência de valores humanos, considerando o jovem como sujeito de direitos e o docente como mediador ativo do conhecimento. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a escola não tem consolidada uma efetiva educação em valores humanos; na dinâmica educativa, sobretudo na prática dos docentes constitui-se ainda um vir a ser, um desafio a ser superado por toda a comunidade escolar. Portanto, espera-se que a escola ressignifique seu espaço formativo e fortaleça vínculos com a juventude, através da educação em valores dialógica.*

Palavras-chave: Escola pública; Educação em valores; Valores da juventude; Valores de professores

INTRODUÇÃO

A educação do mundo contemporâneo, segundo Rigal (2000), precisa resgatar a função de reconstrutora das escolas reforçando assim a sua condição de produtora de sentido, superando conforme Gentili (1995) e Silva & Gentili (2002) os ditames da pedagogia neoliberal, traduzida no discurso da qualidade total, onde a escola pública torna-se um bem mercadológico, numa empresa, os professores vendedores e os alunos consumidores do saber. Além disso, Subirats (2000) reforça essa nova visão de educação acrescentando um elemento fundamental que é a urgência de se trabalhar os valores humanos na escola, como uma saída viável para o reencontro do saber científico com a humanidade, para se construir um novo modelo de educação, onde as gerações mais jovens aprendam a humanizar-se e a conviver num mundo com valores sólidos e construídos coletivamente em favor da dignidade e da justiça. Diante disso, torna-se imprescindível um estudo aprofundado sobre a educação em valores humanos, bem como o entendimento da dinâmica desse ambiente escolar, lançando olhares sobre a juventude e a prática docente. A problemática de pesquisa em questão se desenrola nos seguinte questão central: como escola pública de ensino fundamental vem contribuindo para a formação de valores humanos na

¹ Licenciada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia, aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural, vinculado ao Departamento de Educação de Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), contato de e-mail: alisecosta@gmail.com. - Autora

² Psicóloga e Doutora em Saúde Coletiva (UFBA), Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), orientadora de pesquisa, contato de e-mail: mifis@uol.com.br. - Orientadora



juventude? Além do mais como os agentes da escola, no caso específico os professores, contribuem para a este tipo de educação?

No que se refere aos recursos metodológicos esta pesquisa desenvolvida no biênio 2007/2008, se amparou num estudo qualitativo de inspiração etnográfica, tendo como instrumentos de coleta a observação participante e o grupo focal, numa escola pública municipal de ensino fundamental no município baiano de Riachão do Jacuípe, com jovens estudantes com idades entre 14 e 17 anos, professores e demais agentes da comunidade escolar. Assim, objetivamos neste artigo aqui em vista de ser desenvolvido, discutir as relações entre juventude, docência e escola pública, visando analisar o papel desta última, como instância formadora de valores humanos na juventude, bem como identificar as possíveis contribuições dos demais funcionários da escola, inclusive os professores, na educação em valores humanos. A seguir exporemos como mais relevância o desenvolvimento da temática em questão.

EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS: REFLEXÕES DOS DOCENTES E DA JUVENTUDE NO COTIDIANO ESCOLAR

Por estar inserida em determinado contexto sócio-cultural, a escola traz para seu interior os conflitos, as aflições e as mais diversas demandas que levam professores, alunos e gestores escolares a criarem espaços em seus projetos pedagógicos e demais ambientes educativos, para que crianças, jovens e adultos discutam e opinem sobre suas inquietações e aspirações pessoais e coletivas. É exatamente nesse momento que a educação em valores começa ser desenhada e vivenciada como processo social que se desenvolve na escola.

Assim sendo Subirats (2000), ressalta a urgência de uma educação moral para as escolas no século XXI. O ritmo acelerado das sociedades industriais impôs a ruptura dos modelos morais e com isso o sistema educativo tornou-se uma das instituições sociais que mais diretamente recebem as conseqüências negativas da falta de socialização normativa. No entanto, os discursos sobre valores ocupam um espaço relativamente marginal entre as preparações dos professores, pois o interesse dos mesmos é muitas vezes mais voltado para os conteúdos conceituais do que os conteúdos atitudinais. Sendo assim, a autora insiste que diante dos vazios de normativa moral criados pelas mudanças sociais recentes, necessita-se de uma forma de estabelecer critérios e que estes sejam transmitidos às novas gerações. Ela ainda acrescenta:

Embora de possa pensar em outras formas institucionais, hoje em dia a única instituição social expressamente planejada para a formação das pessoas jovens e que oferece certa garantia de cobertura universal (ainda que não igualitária), é o sistema educativo. (SUBIRATS 2000, p. 202)

Nesse sentido, a transformação do sistema educativo implica num debate social sobre a natureza de uma moral, que já não pode ser de conteúdos, mas de critérios e também da transformação da figura docente, que não pode ser colocada como correia de transmissão de alguns saberes indiscutíveis, mas que deve ter o caráter intelectual emancipador, crítico e autônomo. Para tanto, Subirats (2000) evidencia que os valores não podem ser ensinados da mesma maneira e com a mesma metodologia que as matérias instrumentais. Somente com a conquista da autonomia do sistema educativo é que se pode garantir mudanças profundas e eficazes, verdadeiro fomento para uma escola verdadeiramente crítico-democrática.



No que diz respeito às exigências educacionais contemporâneas Charlot (2005) e Libâneo (2007) orientam que novas atitudes docentes devem buscar desenvolver dentre outras competências um comportamento ético e saber orientar os alunos em valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios. Para esses autores não se trata, obviamente de inculcar valores, de doutrinação política ou religiosa, mas de propiciar aos alunos conhecimentos, estratégias e procedimentos de pensar sobre valores e critérios de modos de decidir e agir. Nesse sentido, a formação de valores e atitudes, perpassando as atividades de ensino adquire um peso substantivo na educação escolar, “porque se a escola silencia sobre os valores, abre espaço para os valores dominantes no âmbito social. As escolas devem então assumir que precisam ensinar valores.” (LIBÂNEO, 2007, p.46)

Além disso, conforme Freire (1996) é preciso resgatemos a ética na pauta das discussões sobre educação, principalmente na escola pública, para que a ética seja fomento da prática docente e que a sala de aula seja um local dinâmico, um ateliê, onde os valores humanos possam ser reinventados, experimentados, numa ótica de valorização e emancipação do homem e da sociedade.

Conforme Pedro (2002) reconhece-se assim, ser cada vez mais importante que a escola possibilite aos jovens a construção dos seus próprios referenciais axiológicos de valor e favoreça a resolução de dilemas éticos que perdurarão ao longo da vida dos sujeitos. Desse modo, a escola contribuirá para a existência de cidadãos aptos a intervirem de forma crítica, participativa na vida de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Puig (1998) orienta que a educação valores humanos não deve se reduzir a uma educação moral que se adapta à realidade social, uma vez que corre o sério risco de transmitir normas sociais vigentes de modo heteronômico, ou seja, os valores são impostos e as condutas são julgadas como certo ou errado, a exemplo do Brasil durante a ditadura militar com os estudos de educação moral e cívica. Tampouco esta não deve se restringir a ajudar os jovens a descobrir os valores que cada um já tem e buscar criar e clarificar o próprio sistema de valores. Por outro lado, deve-se primar por uma educação moral como construção da personalidade e essencialmente um processo de construção de si mesmo, porque ela representa:

Uma tarefa destinada a dar forma moral a própria identidade, mediante um trabalho de reflexão e ação a partir das circunstâncias que cada sujeito vai encontrando dia a dia. Mais de um espaço educativo contíguo a outros espaços educativos, ela é uma dimensão formativa que atravessa todos os âmbitos da educação e da personalidade, sendo um aspecto chave da formação humana Trata-se, porém, de um processo de construção que ninguém realiza de modo isolado; conta sempre com a ajuda dos demais e de múltiplos elementos culturais valiosos, que contribuem ativamente para conformar a personalidade moral de cada sujeito. (PUIG, 1998, p.20)

Nesse sentido, a educação moral ou em valores humanos é um tipo especial de educação, um elemento a mais na idéia de educação integral constituindo num aspecto que deve ser somado as outras dimensões da formação humana como: corporal, intelectual, afetiva, artística dentre outras. A gênese central dessa educação é a moralidade, que busca a formação integral do sujeito através da aquisição de conhecimentos que se convertem em valores, habilidades ético-reflexivas e em modos de compreensão do mundo.



Considerando nosso contexto social tão conturbado e paradoxal, nota-se que a educação escolar e a família, têm seus papéis nos processos formativos da juventude e da docência ressignificados; e os jovens, por sua vez aparecem como categoria de estudo científico em todo o mundo e no presente trabalho, tendo em vista que a escolarização e a segregação etária, marcaram a evolução da adolescência no século XX, ocasionando o nascimento da cultura jovem, caracterizada por alguns estudiosos de subcultura. Nessa perspectiva, o cenário do século XXI, que ora se inicia, é caracterizado pela sociedade aprendente, e nele projetam-se exigências para a escola e a família, pois novos conceitos e valores emergem, desafiando o processo de formação dos sujeitos. (ABRAMO, 2005; CHARLOT, 2005; SPÓSITO, 2005)

No caso da escola básica, essas exigências recaem sobre os agentes educativos que dela fazem parte. Uma das figuras centrais é o professor, há que se pensar então numa contínua formação docente. Os professores entendidos como sujeitos sócio-culturais conforme Dayrell(1996), necessitam (re) orientar suas práticas principalmente no que se refere aos valores humanos, num mundo em que as normas sociais valorativas se esvaem e se individualizam com o passar do tempo; isso faz com que a tarefa de educar moralmente seja suprimida pela formação de sujeitos competentes hábeis para o mundo do trabalho, porém despreparados para a vivência coletiva e para as discussões e conflitos ético-morais decorrentes dessa convivência.

Adentrando na seara dos direitos e valores humanos cabe-nos discutir sobre sua influência para a juventude, bem como conhecer nesta, as vivências dos valores na escola, associadas às práticas e saberes docentes. Assim, Benevides(2004) assinala que os direitos humanos são aqueles comuns a todos sem distinção alguma de etnia nacionalidade, sexo, classe social, nível de instrução, religião, opinião pública, orientação sexual e julgamento moral. Decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca a todo ser humano, assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada há 60 anos. Desse período até os dias atuais muita coisa mudou. Apesar de alguns avanços, como a criação de leis e órgãos do governo e ONGs, convivemos com a vulnerabilidade social que atinge a todos, sobretudo crianças e adolescentes remetendo assim à constante violação dos direitos humanos.

Nesse sentido, como alerta para todos, Benevides (2004) nos convida a refletir sobre os valores dos nossos jovens, que influenciados por uma cultura midiática e globalizada, estão atrelados ao imediatismo, ao consumo, ao sucesso, ao poder. Há que se buscar a superação do individualismo, da filosofia popular do “salve-se quem puder”, sob pena de excluir as possibilidades de ação coletiva em prol dos direitos e valores humanos sociais.

No que diz respeito à vivência juvenil e docente dos valores humanos na instituição educativa Menin(2002) discorre sobre duas vertentes principais: doutrinária e relativista. De um lado as posturas doutrinárias que vêem o valor como verdade universal e o ensino da moral como matéria à parte, com status próprio. Nisso a autora exemplifica com o caso das disciplinas “Educação Moral e Cívica” e “Estudos dos problemas Brasileiros” difundidas no currículo escolar durante a ditadura militar no Brasil, onde os valores como nacionalismo e progresso norteavam as práticas educativas no país. Então, nessa vertente os valores humanos são vividos na condição de doutrinação, são impostos por coação pelos docentes e apreendidos pelos jovens de maneira heteronômica, ou seja, pela obediência inquestionável do adulto, no caso o educador. No entanto também se destaca o caráter efêmero da aprendizagem desses valores, pois muitos deles só duram, muitas vezes até o momento da coação.



Por outro lado é apresentada outra vertente que se dá numa dinâmica oposta à maneira doutrinária que a postura relativista ou laissez-faire. Os valores são compreendidos numa ótica individualista, onde cada um, no caso professor, alunos, pode ter posições diferentes sobre o que tem valores, a adoção de valores na escola é assumida de forma pessoal. Dessa forma, o ensino em valores ocorre de maneira assistemática e acidental. O fato é que certas práticas disciplinares na escola e das regras que os professores dispõem aos alunos podem revelar uma grande diversidade de valores entre os mesmos e demais agentes da escola e até incompatibilidades. A mentalidade do “bateu, levou”, por exemplo, pode vir a ser incentivada, repreendida ou indiferente, para quem educa ou considera a moral como assunto particular.

Assim sendo, Menin (2002) nos coloca vigilantes, alertando que estas duas posições extremistas sobre educação em valores têm nos levado a erros ou são ineficazes para educar moralmente a juventude. Para isso, propõe que pensemos em outra vertente alternativa de cunho construtivista que entenda e considere os valores como universais e subjetivos, onde a consciência moral juvenil seja construída tendo como parâmetro o consenso entre o individual e o coletivo, baseado em relações educativas dialógicas e discursivas. E complementa:

Sou contra listas, guias ou receitas de como educar moralmente. Acredito que a educação moral se faz pela ação orientada por alguns princípios fundamentais, tais como; justiça, dignidade, solidariedade, iluminados pelo respeito mútuo entre as pessoas e que pode ter um alcance cada vez maior. Nessa educação moral não há lugar pra as certezas, mas as dúvidas podem ser sempre discutidas. E é essa discussão o método de educação moral. (MENIN, 2002, p. 99)

Ao adentrarmos na seara dos resultados e das discussões em torno do objeto de pesquisa, torna-se necessário dispor de algumas considerações importantes sobre a análise e interpretação de dados na pesquisa qualitativa. Análise foi feita com base nos diários de campo durante a observação participante e nos discursos dos grupos focais que por sua vez geraram categorias analítico-discursivas. A categoria que servirá de guia para as reflexões neste artigo será: valores humanos na escola. Nela se pode perceber como a educação em valores vem se delineando e quais os agentes que mais se ocupam dessa temática.

Nesse sentido, olhares são lançados sobre a vivência de valores dos jovens estudantes e também dos docentes. Esses olhares se dão em direção também possíveis às contribuições dos agentes da escola na construção de valores da juventude. Segundo os jovens da pesquisa (que têm suas identidades preservadas com nomes fictícios), os funcionários na maioria das vezes se ocupam de suas funções burocráticas. A figura do professor nesse caso aparece em destaque, pois se entende que quando as discussões sobre os valores surgem à tona, é na sala de aula que mais se dá uma atenção. Para alguns funcionários, essa discussão sobre os valores, é única e exclusivamente tarefa dos professores, como se eles (os demais funcionários) estivessem isentos da tarefa de educar.

Em visita à biblioteca da escola converso com uma jovem funcionária que trabalha na biblioteca. A conversa flui naturalmente e ela me diz coisas significativas para que eu compreenda a situação dos valores nos outros espaços. Me chamou a atenção quando ela reflete sobre a contribuição dos agentes educativos na escola: “Aqui eu vejo que todos os funcionários estão se dedicando pra ver a escola e os alunos cresce. Os professores se dedicam. [...]”



eu ouço as aulas, elas mandam os alunos pesquisarem, fazem projetos, com projetos chamam os gentes de saúde, usam a biblioteca, tudo pra aula não ficar monótona. Quando insisto sobre sua contribuição dos valores humanos ela pensa muito e me diz: “aprendi com minha família ser honesta, sincera. Aqui na escola não vejo muito esse trabalho com valores, minha função aqui é outra[...] mas tudo que acontece aqui se chama os pais dos alunos. Outro dia um aluno bateu no outro e subiu um galão, a diretora mandou chamar os pais dos meninos e ficaram conversando, eu não vi o que aconteceu depois. (Diários de campo, maio de 2008)

Os valores onde mais se trabalha [...] é mais trabalhado é o diálogo e dentro da sala a gente trabalha mais. (Ju, 14 anos, 8ªA)

Na sala de aula os valores existem com alguns alunos e professores na sala discutem valores com a gente, mas não são todos. (May, 14 anos, 8ªA)

Essa discussão de valores, onde parece é [...] na sala de aula, mas não são todos os professores que trabalham com a gente, só alguns. (Alê, 14 anos, 8ªA)

[...] adentro a sala dos professores e começo a conversar e uma delas me diz: “acho importante essa discussão sobre os valores, mas nem sempre dá tempo, pois tenho um conteúdo muito extenso, preciso dar conta, afinal os valores são importantes, só que os conteúdos e experimentos não posso negar que nós professores, pelo menos no meu caso, damos uma ênfase maior”. Outra professora me diz que “acho muito importante, já minha disciplina favorece essa discussão sobre os direitos e valores humanos, os alunos também precisam amadurecer pra isso, sempre essa discussão gera debate e isso é bom pra o desenvolvimento pessoal deles. (Diários de campo, maio de 2008.)

Percebe-se nos discursos dos variados sujeitos educativos que o trabalho com os valores humanos variam conforme a origem e a natureza da evolução dos sistemas educativos; no caso da escola investigada prevalece ainda uma prática tradicional que privilegia a formação acadêmica e a qualidade do ensino e da aprendizagem, o que fica evidente na prática dos docentes que ainda estão com seus saberes atrelados a essa vertente educacional. Por isso, constatamos que a escola não vem contribuindo para uma efetiva educação em valores. No entanto urge que se busque mudar a concepção de escola, dos sistemas educativos, dos saberes dos professores, principalmente quanto ao papel crucial que estes podem desempenhar na promoção de uma cultura ética como um processo, sempre inacabado, de formação do sujeito, enquanto pessoa, sobretudo para os jovens que estão em processo de desenvolvimento biológico e psicológico; há que se pensar também num amadurecimento moral. (MESQUITA, 2003; PEDRO, 2002; PUIG, 1998; SILVA, 1995).

CONCLUSÃO

Assim, a partir a análise dos dados, em confluência com a problemática e os objetivos propostos neste trabalho temos como discussão central que a escola por favorecer poucos espaços de socialização, onde existem relações desiguais de poder, não está possibilitando a construção valorativa autônoma dos jovens (Piaget, 1994), não constituindo efetivamente um espaço sócio-cultural, o que dificulta a sua relação com os jovens estudantes. Seu papel frente a uma educação em valores humanos, não está sendo desempenhado de maneira consistente e articulada. Não existe essa temática no projeto pedagógico da escola ainda em fase de construção, a mesma não deixa claro um tópico específico sobre o trabalho com esses valores,



embora alguns como respeito mútuo, solidariedade, foram citados no referido projeto como importantes e fundamentais para a dinâmica da escola.

Além do mais, constata-se que a falta de autonomia vem interferindo na formação ético-moral da juventude. No entanto, é notório o esforço da comunidade escolar em superar os conflitos, aproximando-se da família e da sociedade, podendo tornar-se um espaço de referência na vivência de valores humanos, tão importantes para a construção da moralidade e da conduta ética juvenil. A prática educativa com os valores humanos, sobretudo a dos docentes, por assim dizer ocorre freqüentemente de maneira assistemática, a revelia do planejamento pedagógico e das práticas curriculares.

Dado o exposto, a temática da educação em valores, problematizada nesse artigo, corrobora-se junto à luta por uma escola pública mais humana e justa, em oposição a todo tipo de tendência educacional que subjulga o trabalho com os valores humanos, tendo em vista que a escola é um dos locais privilegiados para o ser humano humanizar-se. Nesse sentido, a figura do professor é muito importante para a consolidação desses valores, uma vez que este tem a tarefa de mediar o conhecimento, inclusive servir de referencial axiológico de valores, sobretudo para a juventude. Para tanto, a prática pedagógica docente da educação moral em valores humanos deve rejeitar posturas doutrinárias ou relativistas, e buscar uma terceira vertente – a dialógica-, na (co) construção coletiva e em princípios valorativos fundamentais tais como: a competência amorosa, o autoconhecimento, respeito, na experiência dialógica e dialética. É preciso então, que seja construída uma “cultura escolar” que favoreça a emergência desta prática, fomentando a discussão de valores no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. Martoni (orgs). **Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. Retratos da Juventude Brasileira.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005, p. 40-54.

BENEVIDES, M^a Vitória de Mesquita. Conversando com os jovens sobre os direitos humanos. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.34-52.

CHARLOT, Bernard. Os docentes e a sua formação. In: **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005; p. 75-122.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996; p. 136-161.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

GENTILI, Pablo. A.A.; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: Visões Críticas.** 11^a edição. Petrópolis: Vozes, 2002.



GENTILI, Pablo. Adeus a Escola Pública: A desordem Neoliberal, A violência do mercado e o destino da Educação das maiorias. In: GENTILI, Pablo (org). **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, pp. 228-252.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

MENIN, Maria Suzana. **Valores na escola**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.28, nº1, p. 91-100, jan/jun, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11657.pdf>. Acesso em: 26 de março de 2007.

MESQUITA, Mª Fernanda Nogueira. **Valores Humanos na Educação: uma nova prática em sala de aula**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

PEDRO, Ana Paula. **Percursos de uma educação em valores em portugal: influências estratégicas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PUIG, Josef Maria. **A construção da personalidade moral**. Tradução de Luizete Guimarães Barros e Raquel Camorlinga Alcarraz. São Paulo: Ática, 1998.

RIGAL, Luis A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNON, Francisco (org). **A Educação do século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, pp.150-203.

SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em Educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. 3. edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre Juventude e Escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005, p.87-128 .

SUBIRATS, Marina. A Educação no século XXI: a urgência de uma educação moral. In: IMBERNON, Francisco (org). **A Educação do século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, pp.170-205.